

▶ Perda de controle do voo

A tripulação do avião da Voepass, que caiu em Vinhedo no último dia 9 de agosto, matando os 62 ocupantes, perdeu o controle da aeronave durante o voo em rota. A conclusão está no relatório do Centro de Investigação e Prevenção de Acidentes Aeronáuticos (Cenipa) divulgado ontem. (ABr)

▶ Três cenários possíveis

O Cenipa se baseou em dados do Laboratório de Análise e Processamento de Imagens de Satélites (AL), que identificou três possíveis cenários climáticos que podem ter contribuído para a queda do avião: turbulência, formação de gelo por ciclo extratropical e fumaça de queimadas. (ABr)

TEL: (31) 2101-3953
 Editores: Karlon Aredes e Carla Chein
 karlon.aredes@otempo.com.br
 carla.chein@otempo.com.br
 Atendimento ao assinante: 2101-3838
 (31) 98352-2462

UFMG. Pesquisa indica que 55% dos adolescentes em Minas Gerais desconhecem vacinação de HPV e ACWY

Hesitação vacinal de jovens gera sinal de alerta para especialistas

Em estudo, 21% dos entrevistados dizem já ter recusado tomar algum imunizante

■ CINTHYA OLIVEIRA
 NUBYA OLIVEIRA

■ Mesmo com as quedas nos indicadores de imunização nos últimos anos, mais de 80% dos bebês nascidos em Minas Gerais recebem as principais vacinas indicadas para os primeiros meses de vida, como BCG, hepatite B e pentavalente. Porém, quando se observa a cobertura vacinal entre adolescentes, a situação é muito mais preocupante. De acordo com a Sociedade Brasileira de Imunizações (SBIIm), apenas 76% das meninas e 42% dos meninos receberam proteção contra o vírus do papiloma humano (HPV), por exemplo.

Uma pesquisa realizada pela Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em parceria com a Secretaria de Estado de Saúde (SES-MG), para investigar a hesitação vacinal entre adolescentes, indicou que a situação pode ser ainda mais alarmante do que esperavam os especialistas. Segundo a pesquisadora Fernanda Penido, que lidera o estudo, os dados preliminares indicam que 55,21% dos jovens entrevistados afirmam não ter nenhum conhecimento sobre a imunização contra o HPV e contra a meningite (meningocócica ACWY) – vacinas aplicadas aos 9 e 11 anos, respectivamente.

A pesquisa foi realizada com 922 adolescentes de diversas cidades mineiras, com idades entre 9 e 19 anos. A maioria dos entrevistados é parda, e 90% deles são usuários do Sistema Único de Saúde (SUS). Os pesquisadores também entrevistaram os pais dos jovens e vão cruzar os dados para verificar se a opinião dos genitores influencia a visão dos filhos sobre imunização.

O estudo indica ainda que mais de 45% dos adolescentes consultados já resistiram ou tiveram dúvidas ao tomar uma vacina, enquanto 21,33% se recusaram a to-



FLÁVIO TAVARES/O TEMPO - 24.2.2024

Educação ajuda a combater a recusa à vacinação de jovens

Situação brasileira melhorou com investimento

■ Em todo o mundo, 2,7 milhões de crianças continuam sem vacinação ou estão com a imunização abaixo do recomendado. Enquanto o índice global mostrou alta no número de crianças sem nenhuma dose ou com doses em atraso, o Brasil fez o movimento contrário e saiu da lista dos 20 países com mais

crianças nessa condição.

“O Brasil está progredindo. A gente continua sempre em tendência de aumento da cobertura vacinal, mas ainda a passos lentos”, explica a diretora da Sociedade Brasileira de Imunizações (SBIIm) Isabella Ballalai. Conforme o Ministério da Saúde, a reversão do cenário de queda foi impactada com o lançamento do Movimento Na-

cional pela Vacinação e pelo programa Saúde com Ciência – que tem, entre outros objetivos, o de ajudar na defesa da vacinação. Ambos foram criados em 2023. A pasta ainda afirma que foi destinado um investimento de cerca de R\$ 150 milhões para “orientar ações dos Estados e municípios voltadas para as realidades locais e públicos específicos”. (CO e NO)

Lei municipal

Em BH, documento é exigido na matrícula

➕ Para melhorar os indicadores de cobertura vacinal, a Prefeitura de Belo Horizonte (PBH), por meio da Lei 11.720/2024, tornou obrigatória a comprovação da situação vacinal do aluno para realização da matrícula nas escolas do município. A legislação passa agora a exigir uma declaração atualizada emitida pela secretaria de saúde para crianças até 5 anos de idade. A exigência será gradativa até alcançar os alunos do ensino fundamental.

Conforme o diretor de Promoção à Saúde e Vigilância Epidemiológica de BH, Paulo Roberto Corrêa, houve um refinamento da lei. “Antes, era exigida apenas a caderneta de va-

vacinação. Agora os pais vão ter que apresentar um documento emitido pelo centro de saúde”, explicou. Ainda segundo ele, caso não seja apresentado o documento, os pais terão 30 dias para regularizar a situação.

A nova regra é válida também para as instituições privadas. O superintendente geral do Sindicato das Escolas Particulares de Minas Gerais (Sinepe-MG), Paulo Leite, afirma que a exigência da apresentação da situação vacinal já é uma prática de todas as instituições de ensino. “Agente não faz matrícula se os pais não apresentarem o cartão de vacinação. É uma questão que envolve a responsabilidade da escola”, explica. (CO e NO)

EDITORIA DE ARTE / O TEMPO

PROTEÇÃO

Quais vacinas devem ser tomadas na adolescência?

HPV

CONTRA QUAL DOENÇA? Papilomavírus humano (HPV)
 QUANDO TOMAR? Dose única entre 9 e 14 anos

dTpa ou dTpa-VIP

CONTRA QUAL DOENÇA? Tríplice bacteriana acelular do tipo adulto (difteria, tétano e coqueluche)
 QUANDO TOMAR? Reforço entre 9 e 11 anos

Gripe

CONTRA QUAL DOENÇA? Diferentes tipos de Influenza
 QUANDO TOMAR? Dose única anual (particular ou quando é liberada para todos os públicos no posto de saúde)

Meningocócica conjugada ACWY

CONTRA QUAL DOENÇA? Meningite bacteriana
 QUANDO TOMAR? Para vacinados na infância: reforço aos 11 anos ou cinco anos após a última dose. Para não vacinados até 15 anos, duas doses com intervalo de cinco anos. A partir de 16 anos, uma dose

Febre amarela

QUANDO TOMAR? A recomendação do Programa Nacional de Imunizações (PNI) é tomar segunda dose se recebeu a primeira antes dos 5 anos, independentemente da idade atual. Se aplicada a partir dos 5 anos de idade: dose única. Mas a Sociedade Brasileira de Imunizações (SBIIm) recomenda duas doses, com intervalo de 10 anos entre elas

Qdenga

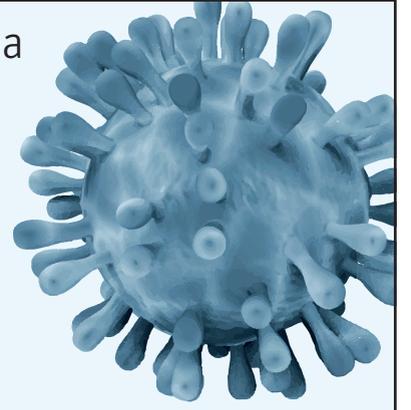
CONTRA QUAL DOENÇA? Dengue
 QUANDO TOMAR? Esquema de duas doses com intervalo de três meses entre elas (0-3 meses). Em BH, está disponível para indivíduos de 8 a 14 anos



FONTE: SOCIEDADE BRASILEIRA DE IMUNIZAÇÕES (SBIIM)

Imunização. Movimentos contrários sempre acompanharam a história da vacinologia

Indecisão é a principal ameaça à saúde global



Após ser reconhecido como exemplo, a partir de 2015 Brasil passou a ter queda da cobertura vacinal

■ CINTHYA OLIVEIRA
NUBYA OLIVEIRA

■ O Ministério da Saúde prevê investir R\$ 10,9 bilhões para compra de imunizantes em 2024. O valor corresponde a cerca de 5% do total do Orçamento da pasta para o ano, que está na casa dos R\$ 236,7 bilhões e representa quase o dobro do que foi aplicado para aquisição de vacinas no último ano – R\$ 5,6 bilhões. No entanto, a ampliação do investimento – que busca, entre outras coisas, conforme a pasta, a retomada das altas coberturas vacinais do Brasil – esbarra no fenômeno da crescente hesitação vacinal.

O conceito de hesitação vacinal foi proposto pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para se referir ao atraso na aceitação ou recusa da vacinação, apesar da disponibilidade dos imunizantes nos serviços de saúde. Em 2012, a organização identificou o aumento do número de países com alto índice de rejeição e criou um grupo de estudo para o fenômeno. Em 2014, lançou oficialmente um documento com a definição do termo e, em 2019, ainda antes da pandemia de Covid-19, a agência considerou a hesitação vacinal uma das principais ameaças à saúde global.

Apesar de ser uma expressão relativamente recente, a gestora médica de Desenvolvimento Clínico do Butantan Carolina Barbieri afirma que os movimentos contrários sempre acompanharam a história da vacinologia. “Isso vem desde o século XIX, quando a Inglaterra, os Estados Unidos e vários países da Europa já tinham algumas ligas antivacinas. No Brasil, tivemos a Revolta da Vacina, em 1904, no Rio de Janeiro. O desconforto da imuniza-

ção compulsória somou-se a movimentos políticos e desencadeou o movimento. Alguns estudiosos dizem que o incômodo com a vacina pode ter sido apenas o estopim para o motim popular”, pondera.

Segundo Barbieri, o Brasil, especificamente, se direcionou para um caminho oposto, construindo uma cultura imunizadora. “Fomos o primeiro país da América Latina a erradicar a varíola. Depois, criamos a campanha da pólio, na década de 1960. Já

em 1973, foi construído o Plano Nacional de Imunizações (PNI). Nos anos 2000, passamos a ter calendários por ciclo de vida, não só para criança, mas também para gestante, adolescente, adulto e idoso”.

Após ser reconhecido como exemplo, o Brasil começou a ter declínio da cobertura vacinal, a partir de 2015. Segundo a gestora do Butantan, diversos fatores contribuíram para isso, como o subfinanciamento do Sistema Único de Saúde

(SUS), as faltas pontuais de vacinas, a dificuldade das famílias de chegar aos postos de saúde, as fake news, entre outros. “Em paralelo a isso, começamos a identificar que alguns grupos com maior escolaridade e renda estavam com coberturas mais baixas do que pessoas com menor poder aquisitivo e conhecimento. Historicamente, ocorria o oposto. Quando houve essa inversão, podemos dizer que ficou mais evidente a hesitação vacinal”, explica.

EDUARDO ANIZELLI/FOLHAPRESS - 14.1.2021



Equipe trabalha na inspeção visual da linha de produção da Coronavac no Instituto Butantan (SP)

Falta de informação

Maioria acredita em vacina, mas 20% deixaram de tomar a dose alguma vez

➕ Quase nove em cada dez brasileiros acreditam que as vacinas são importantes para proteger a saúde. É o que revela uma pesquisa do Instituto Nacional de Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia (INCT-CPCT). O estudo, divulgado em 2022, mostrou ainda que as pessoas confiam nas doses de reforço e na vacinação infantil. Também foi revelado que 75% consideram que os imunizantes são seguros, e 69%, que eles são necessários.

“As pesquisas deixam claro que a maioria acredita na importância da vacina. No entanto, estudos mais recentes mostram que 20% das pessoas, em algum momento, deixaram de tomar alguma vacina. Metade desse total não está indo se imunizar porque fica na dúvida”, ressalta Isabella Ballalai, diretora da Sociedade Brasileira de Imunizações (SBIIm) e mem-

bro do Conselho Consultivo da Vaccine Safety Net, da Organização Mundial da Saúde (OMS).

O público em dúvida é classificado como hesitante. “Esse grupo não é necessariamente formado por pessoas anti-ciência ou antivacina. Eles escutam a medicina falando que é para vacinar e leem materiais, muito bem escritos, dos antivacinas que dizem o contrário. Então, os pais não imunizam os filhos, com medo de estar prejudicando em vez de estar protegendo. Esse é o grupo em que a gente mais tem que agir, porque dá para mudar a percepção dele”, destaca a presidente da SBIIm, Mônica Levi. Segundo

Isabella, um dos fatores que mais influenciam esse entendimento é a ocorrência de ameaças sanitárias. “Por exemplo, quando alguém vê na TV

que a poliomielite está voltando ou que há um surto da doença, corre para o posto de saúde e faz fila”.

Já o negacionismo integra outro escopo, diz a gestora médica do Instituto Butantan Carolina Barbieri. “Eles negam qualquer dado baseado em ciência. É uma forma de enxergar o mundo e as explicações das coisas nas quais não confiam ou não entendem”, explica. Levi complementa: “São contra todo e qualquer tipo de vacina. Aham que, tendo uma vida saudável, os filhos não correm risco”.

A professora mineira Michelle Pimentel, 43, faz parte do grupo relatado. Ela diz que não pretende dar novas vacinas ao filho de 9, que tomou os imunizantes recomendados à primeira infância. “Em casa tomamos chás caseiros e nos alimentamos bem para aumentar a imunidade. Acredito na imunização por meio de hábitos saudáveis”. (CO e NO)

Capacitação de médicos

Mãe fica insegura com opiniões divergentes

➕ Muitas vezes, a hesitação vacinal está ligada a dúvidas eventuais e a informações contraditórias – e não por negacionismo. Com duas filhas, a jornalista Luana de Amorim*, 45, lembra algumas situações em que diferentes opiniões de especialistas a deixaram insegura quanto à imunização. “A primeira foi a (vacina contra o) H1N1. Minha menina mais velha era bem pequena. Alguns disseram que deveria vacinar, sim, e outros, que não. Mas depois, foi a vacina contra a paralisia infantil. A médica homeopata que a atendia falou para não dar, que ela já estava protegida por ter tomado as doses previstas no calendário. Mas optei por vaciná-la”.

Outra situação envolveu a dose contra a febre amarela. “A médica homeopata disse para não vacinar minha filha mais velha, pois o imunizante tinha mui-

tos efeitos colaterais. Quando chegou a hora de a mais nova tomar, a pediatra, que já era outra, disse que tinha que vacinar, sim. Aproveitei e vacinei as duas”, recorda.

Pesquisa da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) com mil pediatras publicada em maio de 2023 revelou que 19,76% dos pais entrevistados têm medo de possíveis eventos adversos da vacina e 19,27% não confiam nos imunizantes. “O grande desafio para nós hoje é preparar os profissionais da saúde, especialmente os pediatras, para saber ter essa conversa, que não deve ser de confronto. O poder do convencimento médico ainda é muito grande”, pondera o presidente do Departamento Científico de Imunizações da SBP, Renato Kfourri. (CO e NO)

*Nome fictício, pois a entrevistada pediu para não ser identificada.

